

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redator principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V—Número 1.528

Sábado, 17 de Novembro de 1923

PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Oficinas de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

Para A BATALHA poder desempenhar-se cabalmente da sua missão, como órgão da opinião pública, precisa que o povo, comprando-a, a habilite a dotar-se de material e a melhorar as suas secções

ZANGAM-SE AS COMADRES...

Descobrem-se os erros do sr. Joaquim Ribeiro

“O REBATE” E OS INTERESSES DOS CONSUMIDORES

O espírito de jornais como *O Rebate*, espírito partidário, é claro, já tem inúmeras vezes dado as suas provas como nefasto e contrário aos interesses dos consumidores. Esses jornais, nunca ousaram erguer a voz contra uma manigância, se o seu autor pertence ao partido em que o jornal está integrado. Os interesses do partido, acima dos interesses dos trabalhadores, eis o lema desses jornais. Chama-se a isso, a essas imorais cumplicidades, espírito político, tática política. De modo que prejudicial a política, prejudiciais os políticos, prejudiciais os jornais que em seus órgãos se arvoraram. E é este, irrefutavelmente éste, o caso de *O Rebate*, que tendo apoiado o sr. Joaquim Ribeiro, defendendo-o de ataques que lhe foram formulados por aqueles que como nós, tiveram em vista, não os interesses do partido democrático ou de outro qualquer partido, mas o interesse das classes consumidoras, exceptuando é claro, à minoria que lhes é oposita. A questão do pão, e a solução que o sr. Joaquim Ribeiro lhe deu, foi solução criminosa porque acatava e aumentava os interesses da moagem em detrimento dos consumidores esburgados, com as suas possibilidades de alimentação reduzidas, devendo à generosidade moageira do ex-ministro da Agricultura.

Foi ainda o sr. Joaquim Ribeiro quem aumentou preço do pão e deu à moagem a liberdade de roubar—o sr. Ribeiro, chamava-lhe liberdade de comércio—e recusou atender, em nome dos interesses da Moagem, as reclamações do povo consumidor.

E o *Rebate* calou-se, não protestou contra o sr. Joaquim Ribeiro, não o atacou quando cometeu esse atentado de gravíssimas consequências para os interesses das classes trabalhadoras. Deu-se a greve geral de protesto, greve realizada por aquela classe proletária que, mercê da sua abnegação e energia teve sido as sentinelas avançadas dos interesses de consumidores.

O *Rebate*, ainda em nome do interesse partidário—era o seu direito António Maria da Silva, chefe do governo—defendeu o dr. Joaquim Ribeiro e atacou os que se lançaram numa greve de protesto contra um ministro que roubava ao povo, para favorecer a Moagem.

UM ATENTADO contra a orquestra “Filarmonia”

Uma bela iniciativa destruída e um maestro condenado ao ostracismo

O dinheiro inimigo da arte

Os que não vivem restritivamente para meras funções digestivas, conhecem o maestro Francisco de Lacerda e com admiração se recordam da orquestra *Filarmonia* que ele fundou e orientou. Os concertos de São Carlos, as exibições populares do Coliseu dos Recreios, constituíram neste meio tan primitivo, ignorante e desdenhoso em matéria de arte, um triunfo. Para a *Filarmonia*, para Francisco de Lacerda? Sim. Mas, também para a arte musical e para o público.

Os intuições da fundação da *Filarmonia* e a orientação que tiveram os seus concertos provam que ela vinha auxiliar a cultura estética do povo e dar alegria, aos que anseiam para a vida portuguesa horas civilizadas, horas de arte que nos compensem da amargura e visão de tantos erros, de tantos crimes executados em nome do mais odioso mercantilismo.

A *Filarmonia* era além duma realização artística, uma tentativa de reação moral. Francisco de Lacerda não era um intruso, um aventureiro ou um mule que procurava obter na sociedade portuguesa, onde predominam os homens de dinheiro, ou melhor, os homens que roubam dinheiro e os imbecis. Não vinha usurpar nenhuma reputação. Era um nome feito, sem favoritismo, conquistado ardorosamente no esforço, mesmo nessa França tan chauvinista, e tan ericada de dificuldades para os artistas estrangeiros, embora talentosos.

Foi em Paris, no coração político e artístico da França, onde se concentram e notam artistas de todo o mundo, professor da *Schola Cantorum* e da Escola de Altos Estudos Sociais. Não obteve estes lugares a golpes de audácia, mas a golpes de talento, o que é mais difícil e mais nobre.

Em 1908 é director artístico dos concertos de Montreux. Algum tempo depois, apesar do apegado nacionalismo dos meios artísticos franceses é nomeado 1.º regente dos Grandes Concertos Clássicos de Marselha. Estes lugares não foram obidos por favor, foram conquistados por concurso. Vicente de Indes classificou-o dia «chefe de orquestra nato.»

A *Filarmonia* era digna do sr. Francisco de Lacerda pelos seus objectivos de arte e o sr. Francisco de Lacerda

UMA CAUSA SENSACIONAL

O processo Vorowsky

Os emigrados russos fazem os seus depoimentos criando hostilidade na população

LAUSANA, 9.—Hoje foi o dia dos emigrados russos, dos contra-revolucionários e dos suíços que habitaram na Rússia.

Temos principalmente a registar o depoimento dum professor francês que passou vinte anos na Rússia.

Esta mulher que tem a Legião de honra e a Medalha militar, conta sobre a Rússia vermelha o que toda a imprensa contra-revolucionária publica.

Ela torna os bolxevistas responsáveis por todas as misérias que ela sofreu. Não disse sequer que era devido à sua actividade e o seu talento.

Cometeu-se um atentado contra o público e contra o notável maestro.

Foram seus autores, o culto do dinheiro pelo dinheiro, esse culto odioso que conquistou o país palmo a palmo, lançando-o na miséria, na ignorância e na violência. Como se praticou o atentado? Vale apena referir-lo.

A Empresa do Teatro S. Luís mandou chamar o maestro Francisco de Lacerda e ofereceu-lhe a chefia da orquestra sinfônica daquela casa de espetáculos.

Escutado o oferecimento, Francisco de Lacerda interrogou a empresa sobre a situação em que ficaria o maestro Pedro Bianchi. Recebendo por resposta que ele seria dispensado, recusou em nome dum princípio de nobreza solidariedade que lhe fosse sacrificado o seu colega. Interromperam-se logo as negociações.

Luís se entendeu o atentado. A *Filarmonia* era composta pelos melhores elementos musicais das orquestras Bianchi e Fão. Manejou-se na sombra, suggestionando-se os músicos. Estes cedem e a *Filarmonia* fica reduzida ao exaspero contra o seu maestro. Venceu o dinheiro contra o público, contra a arte, contra o talento e a honestidade de Francisco de Lacerda.

Como protesto contra a extinção da *Filarmonia* foi editado um intelectual e vibrante manifesto assinado por vários nomes em destaque no meio artístico entre os quais: Afonso Lopes Vieira, António Onório, Augusto Gil, Aquilino Ribeiro, Columbano Bordalo Pinheiro, Eugénio de Castro, Guadalupe Gomes, Jaime Cortezão, Joaquim Mano, Raúl Brandão e Teixeira Lopes.

Um jornal da noite, que se tem distinguido pela animadversão que nutre pela organização operária dava ontem a notícia de que o governo ultimamente formado, estava na disposição de pôr em liberdade os presos de São Julião de Barra devido a não ter sido ainda organizado o projeto que lhe daria respeito.

O referido noticia o que reproduzimos, registando-o, como um bocado. Se porventura tal boato se confirmar o governo nacionalista pôr termo à situação iniqua em que os presos se encontram.

OS PRESOS de São Julião

vão ser postos em liberdade?

Um jornal da noite, que se tem distinguido pela animadversão que nutre pela organização operária dava ontem a notícia de que o governo ultimamente formado, estava na disposição de pôr em liberdade os presos de São Julião de Barra devido a não ter sido ainda organizado o projeto que lhe daria respeito.

O referido noticia o que reproduzimos, registando-o, como um bocado. Se porventura tal boato se confirmar o governo

nacionalista pôr termo à situação iniqua em que os presos se encontram.

Sainha poucos dias do poder um governo democrático. Tratava-se de políticos pertencentes ao partido democrático que admiravam que deixassem aí os prisões atulhadas.

E o partido democrático tem uma tradição de crimes e violências contra as classes trabalhadoras e a classe obedece.

Este feito dos democráticos o ódio aos que trabalham.

Se o governo nacionalista puser os presos em liberdade apenas liquida uma das muitas perseguições em que o proletariado é eximido, o partido de

democrático.

Trabalhadores:

LEDE A “A BATALHA”

1.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

2.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

3.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

4.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

5.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

6.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

7.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

8.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

9.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

10.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

11.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

12.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

13.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

14.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

15.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

16.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

17.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

18.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

19.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

20.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

21.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

22.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

23.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

24.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

25.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

26.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

27.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

28.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

29.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

30.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

31.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

32.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

33.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

34.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

35.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

36.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

37.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

38.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

39.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

40.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

41.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

42.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

43.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

44.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

45.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

46.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

47.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

48.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

49.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

50.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

51.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

52.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

53.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

54.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

55.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

56.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

57.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

58.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

59.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

60.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

61.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

62.º Trabalhos relegados pelo Congresso da Covilhã.

63.º Relatório da Comissão Administrativa de “A Batalha”

64.º Trabalhos releg

EM ENSAIOS
A PEÇA

HOJE

TEATRO NACIONAL

Telef. N. 3049

O DRAMA ALCÁCER-KIBIR

A VERTIGEM
de CHARLES MERE

NA MARINHA GRANDE

A organização dos vidreiros

só terá praticabilidade com a constituição dum Sindicato Único

MARINHA, ORANDE, 14. — O estado de inação em que se encontram os escravos da Marinha Grande levam-nos a fazer mais algumas considerações. Enquanto o operariado de todo o país se prepara, para tomar conta do que de direito lhe pertence, os trabalhadores desta terra deixam-se explorar sem o mais leve vistumbre de resistência.

E se não vejamos: A Empresa Industrial Portuguesa leva o seu despotismo ao ponto de obrigar os operários a comprar a ferramenta com que há de — alugando os seus braços — enriquecer essa minoria dos potentados do capital.

Há mais: Os operários da fábrica Central não sabem quanto ganham por cada peça de vidro que manipulam! E sabido que embora o industrial seja descedente, com certeza, não paga o que o lhe convém.

O espírito associativo é coisa que os operários locais nunca encararam por uma forma coerente. Quando saem dos presídios industriais, em vez de irem para o Sindicato onde fortaleceriam o espírito, vão prestar adoração ao deus Baco, o vírus atrofialor da espécie humana.

E assim o estado de desorganização em que se encontra o operariado que vive neste paraíso terreal, leva-o a consentir que os industriais promovam quem lhes parece — muitas vezes criaturas cujos conhecimentos profissionais não permitem ainda ocupar determinados lugares, ao passo que se vêem andar por ai camaradas antigos e sabedores da respectiva profissão sem trabalho há muito tempo.

Há, aqui o terrível defeito de delegar em criaturas que tem influência junto do patrício para tratar de assuntos operários, sujeitando-se a tudo que essas criaturas entendem, o que dã em resultado serem os trabalhadores cada vez mais explorados.

AS GREVES

Marítimos de Longo Curso

NOTA OFICIOSA DO COMITÉ

Camaradas: Mantém-se no mesmo estado o conflito das nossas classes provocado pelos armadores, sem que os mesmos queiram ceder as reivindicações por nós feitas, que não são exageradas conforme apregoam nos seus passquins. Pelo contrário, depois de terem oferecido a quantia de X, já disseram que o que tinham afirmado era unicamente pessoal e não oficial.

B. S. senhores, de tantas pressas Nunca poderemos aceitar essa fórmula de negociação, embora há longos dias nos encontramos em luta e a fome, que nos baté à porta, é mísseis. Os marítimos de longo curso, que nunca pertenceram ao número dos privilegiados, são bastante fortes ainda, e não se deixam ir no «chôro» daqueles que se reúnem a dar-lhes um pouco mais de pão dos seus constantes e fabulosos lucros.

Teem os marítimos, nos seus movimentos, sabido lutar, defrontando com as maiores infâncias e ignomírias e toda a casta de falsidades dirigidas da avalanche capitalista.

Camaradas: Quem é consciente numa greve e que sabe lutar, não se deve verter ao vil ouro distribuído pelos armadores para desorientar os trabalhadores contra a opinião pública.

Não, não poderão aceitar tais propostas os marítimos, que se encontram na luta anciãos pela solução do conflito.

Os armadores, não se preocupando com os prejuízos que está causando ao país a anormalização de um dos seus principais serviços — o da navegação — encontram-se imóveis no seu pedestal da intransigência com o mal intencionado fim de esmagar os grevistas.

E, nesta situação, aos dias sucedem os dias, mas apesar disso os marítimos, que vivamente tem resistido, dispostos a prosseguir na batalha, certos de que se ora fraquesssem ficariam numa situação deplorável.

Esta rude luta tem posto à prova as facultades da resistência das classes em luta, que já várias vezes se tem afirmado nos seus movimentos passados.

Pois bem: continuai assim que só assim se vence.

O Comitê

NOTA OFICIOSA DA COMISSÃO DE «DEMARCHES»

Camaradas: Continua esta comissão nas «demarches» com os armadores não sendo possível ainda chegar a um acordo, dando esses senhores a impressão que estão embedidos numa má fé, pois que em parte já negaram o que anteriormente tinham afirmado.

Volta esta comissão na segunda-feira a avistar-se com os mesmos senhores.

Convida esta comissão, segundo a nota do comitê, os camaradas das câmaras que deram o seu nome para a nova Associação, prejudicando este nosso movimento, a ir ao sindicato do pessoal de câmaras no prazo de 2 dias a informar esta comissão de qual a sua atitude perante esta situação pelos mesmos criada.

A Comissão de «Demarches»

NO PORTO

Classes marítimas e fluviáis

PORTO, 15. — Mantém-se indefectivel a greve das classes marítimas e fluviáis, tendendo a alastrar-se, visto que os descarregadores e carregadores de terra e mar estão em vésperas de se lançar em luta se não forem aten-

São Carlos Telef. 5063

HOJE: 13.º representação da mais alegre das peças

A VINHA DO SENHOR

Admiráveis criações de Lucília Simões e Erico Braga

Preços dos bilhetes a qualquer hora: Fruta e campanhas de 1.º, 500; de 2.º 250 e de 3.º 175; Torrinhas, 1200; Futebol, 750 e Varandas, 200.

Os bilhetes marcados devem ser recolhidos até às 7 da tarde.

O teatro mais barato de Lisboa

13.º representação da mais alegre das peças

A VINHA DO SENHOR

Admiráveis criações de Lucília Simões e Erico Braga

Preços dos bilhetes a qualquer hora: Fruta e campanhas de 1.º, 500; de 2.º 250 e de 3.º 175; Torrinhas, 1200; Futebol, 750 e Varandas, 200.

Os bilhetes marcados devem ser recolhidos até às 7 da tarde.

O teatro mais barato de Lisboa

13.º representação da mais alegre das peças

A VINHA DO SENHOR

Admiráveis criações de Lucília Simões e Erico Braga

Preços dos bilhetes a qualquer hora: Fruta e campanhas de 1.º, 500; de 2.º 250 e de 3.º 175; Torrinhas, 1200; Futebol, 750 e Varandas, 200.

Os bilhetes marcados devem ser recolhidos até às 7 da tarde.

O teatro mais barato de Lisboa

13.º representação da mais alegre das peças

A VINHA DO SENHOR

Admiráveis criações de Lucília Simões e Erico Braga

Preços dos bilhetes a qualquer hora: Fruta e campanhas de 1.º, 500; de 2.º 250 e de 3.º 175; Torrinhas, 1200; Futebol, 750 e Varandas, 200.

Os bilhetes marcados devem ser recolhidos até às 7 da tarde.

O teatro mais barato de Lisboa

13.º representação da mais alegre das peças

A VINHA DO SENHOR

Admiráveis criações de Lucília Simões e Erico Braga

Preços dos bilhetes a qualquer hora: Fruta e campanhas de 1.º, 500; de 2.º 250 e de 3.º 175; Torrinhas, 1200; Futebol, 750 e Varandas, 200.

Os bilhetes marcados devem ser recolhidos até às 7 da tarde.

O teatro mais barato de Lisboa

13.º representação da mais alegre das peças

A VINHA DO SENHOR

Admiráveis criações de Lucília Simões e Erico Braga

Preços dos bilhetes a qualquer hora: Fruta e campanhas de 1.º, 500; de 2.º 250 e de 3.º 175; Torrinhas, 1200; Futebol, 750 e Varandas, 200.

Os bilhetes marcados devem ser recolhidos até às 7 da tarde.

O teatro mais barato de Lisboa

13.º representação da mais alegre das peças

A VINHA DO SENHOR

Admiráveis criações de Lucília Simões e Erico Braga

Preços dos bilhetes a qualquer hora: Fruta e campanhas de 1.º, 500; de 2.º 250 e de 3.º 175; Torrinhas, 1200; Futebol, 750 e Varandas, 200.

Os bilhetes marcados devem ser recolhidos até às 7 da tarde.

O teatro mais barato de Lisboa

13.º representação da mais alegre das peças

A VINHA DO SENHOR

Admiráveis criações de Lucília Simões e Erico Braga

Preços dos bilhetes a qualquer hora: Fruta e campanhas de 1.º, 500; de 2.º 250 e de 3.º 175; Torrinhas, 1200; Futebol, 750 e Varandas, 200.

Os bilhetes marcados devem ser recolhidos até às 7 da tarde.

O teatro mais barato de Lisboa

13.º representação da mais alegre das peças

A VINHA DO SENHOR

Admiráveis criações de Lucília Simões e Erico Braga

Preços dos bilhetes a qualquer hora: Fruta e campanhas de 1.º, 500; de 2.º 250 e de 3.º 175; Torrinhas, 1200; Futebol, 750 e Varandas, 200.

Os bilhetes marcados devem ser recolhidos até às 7 da tarde.

O teatro mais barato de Lisboa

13.º representação da mais alegre das peças

A VINHA DO SENHOR

Admiráveis criações de Lucília Simões e Erico Braga

Preços dos bilhetes a qualquer hora: Fruta e campanhas de 1.º, 500; de 2.º 250 e de 3.º 175; Torrinhas, 1200; Futebol, 750 e Varandas, 200.

Os bilhetes marcados devem ser recolhidos até às 7 da tarde.

O teatro mais barato de Lisboa

13.º representação da mais alegre das peças

A VINHA DO SENHOR

Admiráveis criações de Lucília Simões e Erico Braga

Preços dos bilhetes a qualquer hora: Fruta e campanhas de 1.º, 500; de 2.º 250 e de 3.º 175; Torrinhas, 1200; Futebol, 750 e Varandas, 200.

Os bilhetes marcados devem ser recolhidos até às 7 da tarde.

O teatro mais barato de Lisboa

13.º representação da mais alegre das peças

A VINHA DO SENHOR

Admiráveis criações de Lucília Simões e Erico Braga

Preços dos bilhetes a qualquer hora: Fruta e campanhas de 1.º, 500; de 2.º 250 e de 3.º 175; Torrinhas, 1200; Futebol, 750 e Varandas, 200.

Os bilhetes marcados devem ser recolhidos até às 7 da tarde.

O teatro mais barato de Lisboa

13.º representação da mais alegre das peças

A VINHA DO SENHOR

Admiráveis criações de Lucília Simões e Erico Braga

Preços dos bilhetes a qualquer hora: Fruta e campanhas de 1.º, 500; de 2.º 250 e de 3.º 175; Torrinhas, 1200; Futebol, 750 e Varandas, 200.

Os bilhetes marcados devem ser recolhidos até às 7 da tarde.

O teatro mais barato de Lisboa

13.º representação da mais alegre das peças

A VINHA DO SENHOR

Admiráveis criações de Lucília Simões e Erico Braga

Preços dos bilhetes a qualquer hora: Fruta e campanhas de 1.º, 500; de 2.º 250 e de 3.º 175; Torrinhas, 1200; Futebol, 750 e Varandas, 200.

Os bilhetes marcados devem ser recolhidos até às 7 da tarde.

O teatro mais barato de Lisboa

13.º representação da mais alegre das peças

A VINHA DO SENHOR

Admiráveis criações de Lucília Simões e Erico Braga

Preços dos bilhetes a qualquer hora: Fruta e campanhas de 1.º, 500; de 2.º 250 e de 3.º 175; Torrinhas, 1200

CRÓNICA DO PORTO

O COMÉRCIO LADRÃO

Os "honradíssimos" negociantes da nossa praça, a pretexto da greve marítima, metem as mãos nas algibeiras do consumidor

PORTO, 13.—Mais um pretexto surgiu, além dos antecedentes por nós já desrito, para que a ignobil esquadração comercial se evidencie com mais furor. A falta de pretextos e de audácia, não é que se deixa de construir fortunas fabulosas, enquanto é tempo e a revolta popular se faz esperar com incrível paciência.

Vejam, agora, qual é o novo pretexto.

Os estivadores de Leixões, barqueiros e frigateiros e trabalhadores fluviais do Porto e Gaia de há tempos que vêm reclamando uma melhoria na sua situação económica.

Como quase sempre sucede antes do pronunciamento de qualquer conflito grevístico, aquelas classes empregaram todos os esforços para convencer a patronal marítima de razão que lhes assistia, fundamentando os seus argumentos, como é de calcular, na insuficiência dos seus salários perante o agravamento do custo da vida que, de preferência, atinge as classes laboriosas, mas, por isso mesmo desprezadas..

Apesar, porém, de todas as briosas demarques empregados no sentido das reclamações materiais serem, suavemente, coroada de satisfatório êxito, a renitência patronal não obsteu a que as referidas classes fossem compelidas, para fazerem vingar a sua causa, aí para a greve, a qual, de facto, principiou ontem.

E de sciacia certa que nua tal paralisação de serviços, no rio Douro e em Leixões é duma responsabilidade séria para a vida citadina, conquanto a responsabilidade seja dos patrões, sempre caturas para a conciliação das exigências operárias, sempre justas que elas sejam.

Mas no entanto, lá porque ontem um vapor qualquer, por motivos de greve, não pudesse efectuar o descarregamento da sua carga diversa; lá porque a outras embarcações lhe tenha, possivelmente, de acontecer o mesmo e lá porque a greve tenha só um dia de existência—ainda não é motivo forte para que os grandes amazanistas principiem já a assambalar, isto é a encular, nos seus portos, os seus subterrâneos, toda a qualidade de gêneros, precipitadamente provocando uma escassez tensional.

E todavia, obedecendo à tática, deliberada nos meandros bacalhauenses, de que todos os momentos e todas as questões devem ser adaptadas, aproveitados aos seus ferinos interesses—os capangas do negócio estão, à surrelha, a pôr em prática os seus planos criminosos de uma especulação mais, a juntar-se a tantas outras...

—Mas quem deixa mão disto? Ninguém, nem o próprio interessado, que assiste extraordinariamente indiferente a todas estas manobras de terríveis trâscas...

—Que desvairamento e que cobardia!

Mas bate certo...

—* * *

A não ser este caso de greve perfeitamente pacífica e monótona e as combinadas consequências do abuso comercial dos da rua de São João e circunvizinhanças; a não ser a continuação das rixas políticas e a apaixonada discussão acerca da parada de forças... democráticas a propósito do funeral do assassinado Meudes Baillot—um porquê de interno foi imponente e uma boa demonstração, e outros por-

LISBOA NA RUA

Atropelamento mortal

Oaten, cerca das 13 horas, quando o varredor n.º 415 da Câmara Municipal de Lisboa, Francisco Lopes, de 18 anos, filho de João Lopes e de Maria Rita, saiu de uma taberna onde tinha ido comprar alguma coisa para comer, foi colhido pelo automóvel n.º 3316, guiado pelo seu proprietário António Correia residente na rua da Conceição da Glória, 17, 3.º, ficando gravemente ferido na cabeça.

Socorrido por alguns companheiros e pelo cívico n.º 1164, foi transportado no mesmo automóvel para o hospital de São José onde faleceu momentos depois, pelo que recolheu à casa mortuária do mesmo estabelecimento.

O chauffeur, que não teve culpa do desastre segundo afirmam pessoas que presenciam, foi preso.

Tentativa de suicídio

Na enfermaria de Santana, do hospital Estefânia, deu ontem entrada Joana Isabel Vieira, de 47 anos, residente na travessa do Pessol, à Estrada, 3.º, 1.º que ali tentou suicidarse.

Um louvor merecido

Pelo director dos hospitais civis, dr. sr. João Pais de Vasconcelos, foi mandado louvar em ordem de serviço e concedida uma licença de 7 dias, com vencimentos, ao praticante de enfermarias dos mesmos hospitais, sr. Raúl Baptista Machado, por haver cedido o seu sangue para uma transfusão feita na enfermaria de Santo António, pelo dr. sr. Sabino Pereira, numa doente internada na enfermaria de Santa Emilia, caiu a que há dias aludimos.

que muitos salmões e outros peixes se coziam numa grande caldeira de cobre com água, vinagre, sal e co-

minhos

Nos tabiques, viam-se pregadas cabeças de lobo, de javali, de veado, e também duas cabeças de touro, chamado *uro* (touro selvagem), o qual já começava a tornar-se raro no país. Viam-se também armas de caça, tais como frechas, arcos e fundas..., e armas de guerra, como o *parr* (chuço gaulês), o *matag*, (faca de mato), machados, sabres de cobre, escudos de madeira, cobertos da pele duríssima das fósas, e lanças de folha de ferro larga, cortante e curvada, ornadas de uma campanha de bronze, para anunciar de longe ao inimigo a chegada do guerreiro gaulês, porque este sempre despresa as emboscadas e gosta de combater de cara a cara. Também se viam suspensas algumas redes de pesca, e arpéus para pescar o salmão nos baixios da vasante.

A direita da porta de entrada, havia uma espécie de altar, feito de uma pedra de granito pardo, assentado por grande número de ramos de carvalho cortados de fresco. Sobre a pedra estava colocada uma caldeirinha de cobre, onde se achavam imergidas sete hastes de visco, e na parede lia-se a seguinte inscrição: *A abundância e o céu são para o justo que é puro. E puro e santo o que faz obras celestes e puras*, (sentença druida).

Quando Joel entrou em casa, aproximou-se da caldeirinha de cobre onde estavam as sete hastes de visco, e beijou cada uma delas respeitosamente. O seu hóspede imitou-o, e ambos se encaminharam para a lareira.

Mamm' Margarid, mulher de Joel, fiava na roca. Era de estatura alta e vestia um sutião curto de lã parda, sem mangas estreitas; saio e vestido atados em redor da cintura com o cordão de avelã. Uma touca branca, de fórmica quadrada, deixava-lhe ver os cabelos grisalhos separados na fronte. Trazia ao pescoço, e do mesmo modo muitas mulheres suas parentes um colar de coral, e nos braços braceletes en-

riquecidos de gramadas, e outras alfaia de ouro e de prata fabricadas em *Autun*.

Em redor de *Mamm' Margarid* brincavam os filhos do seu filho *Guilhern*, e de muitos dos seus parentes, enquanto as jovens mães tratavam dos preparativos da refeição da noite.

— Margarid, disse Joel à mulher, trago-te um hóspede.

— Que seja bem vindo, respondeu a mulher continuando a fiar na roca. Os deuses enviam-nos um hóspede, e portanto o nosso lar é dêle também. A véspera do dia do nascimento de minha filha deve ser-nos favorável.

— Que seus filhos, se algum dia viajarem, sejam acolhidos como eu e o sou hoje, disse o estrangeiro com respeito.

— Eu não sabes que hóspede os deuses nos eniam, Margarid? replicou Joel. Um hóspede tal como se pedria ao bom *Ogmi* que nos deparasse para os compridos séries do outono e do inverno; um hóspede que viu nas suas viagens coisas curiosas e surpreendentes, e tantas que não seriam suficientes todos os séries para ouvirmos as maravilhosas narrações que ele nos poderia fazer.

— Apenas Joel pronunciou estas palavras, quando *Mamm' Margarid*, as outras mulheres, raparigas e rapazes pequenos, todas à porfia encararam o estrangeiro com uma curiosa avidez, escutando já mentalmente as maravilhosas narrações que ele iria contar.

— Vamos cear, Margarid? disse Joel. O nosso hóspede talvez que tenha ainda mais vontade de comer do que eu, que já começo a ter grande apetite.

— Os nossos parentes foram abastecer as mangueiras do gado, respondeu Margarid; não pôdem tardar. Se o nosso hóspede consente em que os aguardemos para a comida...

— Eu agradeço a atenção da mulher de Joel, e aguardarei, disse o desconhecido.

— E enquanto aguardamos, replicou Joel, tu nos contarás...

MÚSICA

Concertos no Politeama

E o seguinte, o programa completo, do concerto, 3.º de assinatura, da Orquestra Sinfônica de Lisboa, dirigida pelo maestro Fernandes Fão, que amanhã se realiza no teatro Politeama:

1.ª parte: — «Roi d'Is», abertura, Lalo, violoncelo solo, professor João Passos; «Tricântica», suite ibérica, Albeniz, inscrivida de Fernandes Fão; «Capricho espanhol», (Alvorada, Variações, Alvorada, cena e canto gitano, Fandango asturiano), Rimsky-Korsakow.

2.ª parte: — «Sinfonia incompleta», Schubert; «Fontane di Roma», poema sinfônico, 1.ª audição em Portugal, (La fontana del tritão al mattino, La fontana di trevi al mesiggio, La fontana di Villa Medici al tramonto), Ottorini Respighi.

3.ª parte: — «La première rencontre» e «La norvégienne», 1.ª audição em Lisboa, Grieg; «Rienzi», abertura, Wagner.

Trabalhadores.

Lede A BATALHA

QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

Jorge Inácio, operário metalúrgico, empenhou uma capa na agência da Caixa Geral de Depósitos da rua dos Cavaleiros, há 7 meses, pagando sempre os seus respectivos juros. Indo agora levantá-la, encontrou-a toda inutilizada, alegando o empregado não ter ninguém que tratasse dos objectos empenhados. Além duma desgraça uma desgraça maior.

Passa a classe corticeira por uma

uma vergonha, e portanto tem de ser do conhecimento da organização em geral.

Existe em Silves uma Associação à qual bastantes camaradas tem dedicado muito amor e trabalho, mas no entanto há meia dúzia de matos corticeiros, que na organização nunca marcam e que até a tem estorvado, e que a todo o momento ameaçam o trabalho, o grandioso trabalho, que esses camaradas dispenderam para que a Associação possua um edifício com condições.

Passa a classe corticeira por uma

filhos da casa, como os indiferentes chamam àquelas que sabem cumprir com os seus deveres. Empregam os indiferentes os seguintes termos a propósito de qualquer assunto sobre a organização: «já vi melhor geito nisto...»

O que só demonstra uma ignorância pavorosa.

Pois não veem esses corticeiros que os principais culpados são eles próprios que com o seu indiferentismo não dão a vitalidade necessária à sua Associação para que se desempenhe da missão e fins que foi criada?

Ora estes e outros casos de que nos

Mas o viajante, interrompendo-o, disse-lhe sorrindo: — Amigo, assim como um só copo serve para todos..., mais tarde o copo circulará de lábios em lábios, e a narração de ouvidos em ouvidos... Mas diz-me para que serve aquele cinto de metal que eu vejo pendurado na parede?

— Pois na tua terra não há o cinto da actividade?

— Explica-te, Joel.

— Entre nós, tódas as luas novas, os rapazes de cada uma das tribus, vem a casa do chefe experimentar este cinto, para mostrarem que a cintura dêles não tem alargado pela intemperança, e que se conservam activos e desembaraçados. Aqueles que não podem acolchar o cinto, são apupados, é costume pagarem multa; de forma, que cada um tem conta com a barriga, receando parecer um ôbre.

— Isso é bom, e lastimo que tenha caído em desuso na minha província. Mas diz-me também para que serve esta arca velha? A madeira é magnifica e parece muito antiga?

— Muito antiga! É a arca de triunfo da minha família, disse Joel abrindo e mostrando ao estrangeiro muitas caveiras esbranquiçadas. Uma delas, serrada pelo meio, estava assente sobre um pé de metal em forma de copo.

— Sem dúvida que isso tudo são cabeças dos inimigos mortos pelos seus avós, amigo Joel? Entre nós, essas espécies de carneiros de família já foram abandonados há muito tempo.

— E entre nós também; eu conservo estas cabeças só pelo respeito que devo a meus avós; porque há mais de duzentos anos que já não se mutaram desse modo os prisioneiros. Esta usançã remontava ao tempo dos reis a quem *Ritha-Gaur* rapou as barbas, como tu dizes, para fazer uma blusa. O tempo dessas realzes, era o tempo da barbaria. Ouvi dizer a meu avô *Kirio*, que mesmo em vida de seu pai *Tiras*, os homens que tinham ido à guerra, regressavam à tribo com as cabeças dos inimigos atadas na extremidade das lances, ou venduradas aos pescocos dos

cavalo; pregavam-nas depois às portas das casas em guisa de troféus, como tu vês pregadas nestas paredes as cabeças de animais ferozes.

— Entre nós, nos antigos tempos, amigo Joel, também se guardavam esses troféus, mas conservados em óleo de cedro, quando eram as cabeças dos chefes inimigos.

— Por *Hesus!* óleo de cedro!... que magnificência!

— disse Joel rindo; digo agora como diziam as matronas: bom peixe, melhor molho.

— Estas reliquias eram entre nós, como entre os teus, o livro onde o jovem gaulês aprendia as faculdades de seus avós; muitas vezes as famílias do vencido

ofereciam comprarem estes despojos; mas desfazendo a prego de ouro de uma cabeça conquistada pelo próprio ou por seus avós, era um crime de avareza sem exemplo... Digo pois como tu dizes, que esses costumes bárbaros passaram com as realzes, assim como também já lá vai o tempo em que os nossos antepassados pintavam o corpo e o rosto de cores azul e escarlate, e lavavam os cabelos e as barbas com água de cal, para os tornar da cor avermelhada do cobre.

— Sem pretender injuriar a memória dêles, amigo hóspede, nossos avós não haviam de ser muito bons

pondo em prática semelhante uso, e deviam parecer-se com os assustadores dragões vermelhos e azuis

que servem de carranca na proa dos navios desses terríveis piratas do norte, de quem meu filho *Albini*, o embarcadouro, e a sua formosa mulher *Meroë* nos

contaram tam curiosas histórias. Mas ai estão os nossos homens que voltam dos currais e das cavalariças;

agora não havemos de esperar muito tempo pela cesta,

porque *Margarid* vai tirar os carneiros do espeto; tu comerás dêles, amigo, e verás que bom gosto adquire a sua carne com o pasto da beira-mar.

Todos os homens da família de Joel que entraram

na sala usavam, como ele, o *saiote* de fazenda grosseira, sem mangas, e que lhes deixava ver as da túnica ou camisa de paninho branco; as *bragas* (*calças*), desciam-lhe até ao tornozelo; e calçavam sócos. Al-

ém a água ficando a fazenda um poço

Volta-se outra vez ao 1.º andar onde fica a oficina de espuma.

São muito alegres as janelas, os seus vidros foscos, por causa de tezores que se compõem de três escovas, uma rectangular e duas a frente por onde a fazenda passa, que lhes levava

o pélo, passando depois por um r

lado com umas navalhas de aço em

espiral e com uma lâmina na parte in-

terior junto às mesmas que lhe corta o pélo. Seguem-se as puxas, máquinas compostas de um ou mais tambores

guarnecidos com cardos para pestar o pélo aos panos, depois de apisados.

Nem todas as fazendas entram neste

engenho. Daqui segue a ser espremida em lavado — quer dizer — para lhe tirar os pachos e os argueiros que vêm

juntos na lá.

</div

O maior inimigo que se opõe à nossa felicidade encontra-se em nós próprios. É a ignorância. Como aniquilá-la? Lendo, lendo muito, lendo sempre o refletindo no que se lê.

—Quanto mais sabemos, mais nos convencemos da nossa ignorância, daí a necessidade de saber mais.

E assim, que a humanidade vai caminhando para a sua libertação.

SECÇÃO DE LIVRARIA

“A BATALHA”

LISBOA—Calçada do Combro, n.º 38-A, 2.º—PORTUGAL

Além das obras anunciadas, fornecemos outras de vários autores e editores. Enviamos com a maior prontidão para o continente, ilhas, colónias e estrangeiro, mediante a remessa antecipada da importância das obras pedidas.

Os preços de porte, além dos mencionados abaixo fazemos mais os seguintes:

Continente—Encomendas postais até 6 quilos \$350, pacotes até 2 quilos \$10 cada 50 gramas, e mais \$25 para registo em cada pacote. Ilhas—Encomendas postais, 6 quilos \$600. Brasil e Países da União Postal—Pacotes de 2 quilos \$950. América do Norte—Pacotes até 5 quilos, \$600.

Há duas revoluções a fazer: Uma nos espíritos e outra nas ruas. A segunda depende da primeira.

Um revolucionário que não é como um barco sem piloto.

Eduquemo-nos e instruamo-nos antes de pretendermos educar e ensinar os outros.

O livro é o alimento espiritual do homem que deseja instruir-se.

Publicações sociológicas

	Pelo correio
—Organização Social Sindicalista	5000 5000
Antonelli—A Rússia bolchevista	2500 2500
A Comuna: A maçonaria e o proletariado	5000 5000
Porque não creio em Deus	1800 1800
O Proletariado Histórico	875 1800
Agência Lux: O Socialismo e os intelectuais	850 850
Briand—A greve geral	850 850
Bacelar—O que é que somos anarquistas	850 850
Carlos Rato—A ditadura do Proletariado	850 850
Chapeter—Porque não creio	1800 1800
Celso Ferraris—Os partidos políticos	2000 2000
Chueca—Como não ser anarquista	825 850
Sp. Albert—O comunismo	5000 5000
Content—Comunismo e confusão	825 825
Dufour—O socialismo e a sua revolução (2 vol.)	5000 5000
Emilio Rossi—Cristo nascido (2 vol.)	4000 4000
Jesus Herculano—A evolução geral e a anarquia	850 850
Eisbacher—O anarquismo	4000 4000
Elevant—Amaña deixa	850 850
Gen. Williams—Relatório dos negócios dos Estados Unidos da América (2 vols.)	5000 5000
Gladiador—A questão social no Brasil	850 1800
G. O. M. Procriação consciencial	850 850
Gustavo Minutini—Problemas sociais	2000 2000
Gustavo Le Bon: As primeiras consequências da guerra (2 vol.)	4000 4000
Ensaiamentos psicológicos da guerra europeia (2 vol.)	4000 4000
Guyau—Ensino dum moralista obrigaçado a sancionar	5000 5000
Educação e hereditabilidade	2000 2000
Hamon: A conferência da Paz e a Ásia	5000 5000
Asíclios da guerra mundial	5000 5000
O movimento operário na Grã-Bretanha	5000 5000
Psicologia do socialismo	5000 5000
Quita—A Crise do Socialismo	5000 5000

Pelo correio

Henrique Leono—O Sindicato	850 850
Henrique Salgado—O culto do Imaculado Coração de Maria	5000 5000
Mentiras e glossas	2500 3000
Jean Grave: Asociación Futura	5000 5000
Anarquia nas e mais... 5000 5000	
O Anarquismo e a Sociedade	5000 5000
José Fernandes—O Socialismo e o Círculo	2000 5000
Joseph J. Eitor—Unionismo industrial	850 850
Jules Guesde—A lei dos salários	850 850
José Ebert—O S. W. W. na teoria e na prática	2000 2000
Krapotkin—A inodocência	850 850
A Anarquia social (2 vols.)	1800 1800
A Grande Revolução (2 vol.)	1800 1800
Alfredo Neves Dias—Razões (poemato social)	850 850
A moralanarquista	850 850
Os pastores da guerra	850 850
Lazare—A Liberdade	850 850
Lenin—A Democracia burguesa e a Democracia proletária	850 850
Os Problemas do Poder dos Soviéticos	850 850
Landauer—A Social Democracia na Alemanha	1800 1800
Malatesta—O programa socialista-anarquista revolucionário	850 850
Manuel Ribeiro—Na Linha da fronteira	1800 1800
Marx—O Capital (2 vol.)	1800 1800
Max Nordan—A mentira religiosa	1800 1800
Nost—A Peste Religiosa	850 850
Nietzsche	1800 1800
O P. Crisóstomo	2000 2000
Nuno Vasco—Ao Trabalhador Rural—Geográficas	850 850
Concepção Anarquista do Simbolismo	1800 1800
Novas ideias de emancipação da mulher	2000 2000
Pauta e Pougal—Como faremos a revolução	850 850
Perfeito de Carvalho—Notas e com 10 anos	850 850
Press Necessidade da Associação...	850 850
Roland—A Rússia (2 vol.)	850 850
Rossi—A sujeira e as multidões	2000 2000
Ruy Figueiro—Dois provas de inexistência da Deus	850 850
Tomas da Fonseca—Sermões da Montanha	850 850

Pelo correio

Trostky—Constituição Política da República dos Soviéticos	850 850
Uma Carta à Canchela	1800 1800
Ultimas páginas	750 850
Ernesto de Almeida—Teatro II	850 850
Ernesto Maekar—O drama da Crise	1800 1800
Ernesto Moniz—Os enigmas do universo	850 850
Francesco Marzal—Apoio à Vida	5000 5000
Pargame—Origem da Vida	5000 5000
Spencer—Educação intelectual, moral e física	7500 7500
Tolstoi—Sonata de Kreutzer	5000 5000
Lendas e Narrativas (2 vols.)	1800 1800
Cartas (2 volumes)	1800 1800
Adolfo Lima—Contrato de Trabalho	7500 8500
Educação e ensino	5000 5000
O Ensino da História	5000 5000
Alfredo Neves Dias—Razões	850 850
Fausto	1800 1800
Introdução filosófica	4000 4000
Introdução literária	5000 5000
Ultimas páginas	750 850
Ernesto de Almeida—Teatro II	850 850
Ultimas páginas	750 850
Ernesto Maekar—O drama da Crise	1800 1800
Ernesto Moniz—Os enigmas do universo	850 850
Francesco Marzal—Apoio à Vida	5000 5000
Pargame—Origem da Vida	5000 5000
Spencer—Educação intelectual, moral e física	7500 7500
Tolstoi—Sonata de Kreutzer	5000 5000
Lendas e Narrativas (2 vols.)	1800 1800
Cartas (2 volumes)	1800 1800
Adolfo Lima—Contrato de Trabalho	7500 8500
Educação e ensino	5000 5000
O Ensino da História	5000 5000
Alfredo Neves Dias—Razões	850 850
Fausto	1800 1800
Introdução filosófica	4000 4000
Introdução literária	5000 5000
Ultimas páginas	750 850
Ernesto de Almeida—Teatro II	850 850
Ultimas páginas	750 850
Ernesto Maekar—O drama da Crise	1800 1800
Ernesto Moniz—Os enigmas do universo	850 850
Francesco Marzal—Apoio à Vida	5000 5000
Pargame—Origem da Vida	5000 5000
Spencer—Educação intelectual, moral e física	7500 7500
Tolstoi—Sonata de Kreutzer	5000 5000
Lendas e Narrativas (2 vols.)	1800 1800
Cartas (2 volumes)	1800 1800
Adolfo Lima—Contrato de Trabalho	7500 8500
Educação e ensino	5000 5000
O Ensino da História	5000 5000
Alfredo Neves Dias—Razões	850 850
Fausto	1800 1800
Introdução filosófica	4000 4000
Introdução literária	5000 5000
Ultimas páginas	750 850
Ernesto de Almeida—Teatro II	850 850
Ultimas páginas	750 850
Ernesto Maekar—O drama da Crise	1800 1800
Ernesto Moniz—Os enigmas do universo	850 850
Francesco Marzal—Apoio à Vida	5000 5000
Pargame—Origem da Vida	5000 5000
Spencer—Educação intelectual, moral e física	7500 7500
Tolstoi—Sonata de Kreutzer	5000 5000
Lendas e Narrativas (2 vols.)	1800 1800
Cartas (2 volumes)	1800 1800
Adolfo Lima—Contrato de Trabalho	7500 8500
Educação e ensino	5000 5000
O Ensino da História	5000 5000
Alfredo Neves Dias—Razões	850 850
Fausto	1800 1800
Introdução filosófica	4000 4000
Introdução literária	5000 5000
Ultimas páginas	750 850
Ernesto de Almeida—Teatro II	850 850
Ultimas páginas	750 850
Ernesto Maekar—O drama da Crise	1800 1800
Ernesto Moniz—Os enigmas do universo	850 850
Francesco Marzal—Apoio à Vida	5000 5000
Pargame—Origem da Vida	5000 5000
Spencer—Educação intelectual, moral e física	7500 7500
Tolstoi—Sonata de Kreutzer	5000 5000
Lendas e Narrativas (2 vols.)	1800 1800
Cartas (2 volumes)	1800 1800
Adolfo Lima—Contrato de Trabalho	7500 8500
Educação e ensino	5000 5000
O Ensino da História	5000 5000
Alfredo Neves Dias—Razões	850 850
Fausto	1800 1800
Introdução filosófica	4000 4000
Introdução literária	5000 5000
Ultimas páginas	750 850
Ernesto de Almeida—Teatro II	850 850
Ultimas páginas	750 850
Ernesto Maekar—O drama da Crise	1800 1800
Ernesto Moniz—Os enigmas do universo	850 850
Francesco Marzal—Apoio à Vida	5000 5000
Pargame—Origem da Vida	5000 5000
Spencer—Educação intelectual, moral e física	7500 7500
Tolstoi—Sonata de Kreutzer	5000 5000
Lendas e Narrativas (2 vols.)	1800 1800
Cartas (2 volumes)	1800 1800
Adolfo Lima—Contrato de Trabalho	7500 8500
Educação e ensino	5000 5000
O Ensino da História	5000 5000
Alfredo Neves Dias—Razões	850 850
Fausto	1800 1800
Introdução filosófica	4000 4000
Introdução literária	5000 5000
Ultimas páginas	750 850
Ernesto de Almeida—Teatro II	850 850
Ultimas páginas	750 850
Ernesto Maekar—O drama da Crise	1800 1800
Ernesto Moniz—Os enigmas do universo	850 850
Francesco Marzal—Apoio à Vida	5000 5000
Pargame—Origem da Vida	5000 5000
Spencer—Educação intelectual, moral e física	7500 7500
Tolstoi—Sonata de Kreutzer	5000 5000
Lendas e Narrativas (2 vols.)	1800 1800
Cartas (2 volumes)	1800 1800
Adolfo Lima—Contrato de Trabalho	7500 8500
Educação e ensino	5000 5000